

**Discurso de S. Ex.^a o Ministro da Educação
na Sessão Solene comemorativa do 50.º aniversário do Liceu de Oeiras
18-10-2002**



*Prof. Doutor David Justino,
Ministro da Educação*

Foi com o maior prazer, enquanto Ministro da Educação, que recebi o convite para presidir à sessão solene dos 50 anos do Liceu Nacional de Oeiras e Escola Secundária Sebastião e Silva. Permitam-me, entretanto, que confesse que o prazer se torna mais que redobrado quando se trata do “meu liceu”, da escola que me acolheu durante sete anos e que me fez crescer para a vida. Não consigo dissociar os dois papéis, de ministro e ex-aluno, mas tentarei que estas minhas palavras não se transformem em pontes virtuais entre visões do passado e visões para o futuro.

O Ministro não tem uma visão passadista da educação. O ex-aluno não se prende à nostalgia fácil de uma realidade que o marcou. O exercício de comparação tem tanto de injusto quanto tem de impreciso e de reduzida ou mesmo nula isenção. Não entendam pois as minhas palavras como uma evocação saudosista do Liceu Nacional de Oeiras.

Não sou daqueles que frequentemente repetem “no meu tempo é que era!”. Como professor e como pai tenho o dever de reconhecer que esse lugar comum não tem razão de ser. O meu filho Diogo, também ele ex-aluno da Sebastião e Silva, tem um nível cultural muito superior ao que eu tinha com a mesma idade. Como o Diogo, será a maioria dos jovens das nossas escolas. Mas há uma diferença: não vão ter com certeza as mesmas oportunidades e as mesmas facilidades que eu tive em termos de carreira profissional. Vão ter que lutar mais, vão ter que se esforçar mais, vão ter de resistir mais, para sentir o mesmo nível de realização pessoal que eu sinto.

Não sei se estamos a dar mais oportunidades de sucesso às novas gerações, do que aquelas que a minha geração usufruiu. Essa é a preocupação que me orienta no desempenho do cargo que ocupo: preparar melhor as novas gerações, dotá-las de meios de conhecimento e de competências capazes de os formar para a contingência, para a necessidade de mudar de trajeto profissional, de se adaptarem a uma sociedade em constante e profunda mutação. Não creio que seja pela concessão de facilidades ilusórias que os preparamos melhor para um

futuro cada vez mais incerto e talvez mais adverso. Meus caros colegas docentes, pais, encarregados de educação, funcionários: não sou eu que vos peço que sejais mais exigentes com os nossos jovens, é o futuro que o exige. Eles não nos vão perdoar se assim não o fizermos.

Esta é a minha caderneta escolar. Fiz questão de a trazer hoje porque a pego com o mesmo orgulho com que, pela primeira vez, inscrevi nela o meu nome. Guardo-a com o mesmo cuidado com que guardo as memórias de quase 50 anos. Preservo-a como se fosse um pedaço de mim.

A cada classificação relembro o professor, a maior ou menor injustiça do valor inscrito, as dificuldades de uma determinada disciplina, as histórias mais ou menos edificantes que conseguimos cerzir através de uns tantos números.

Tive excelentes professores. O Liceu Nacional de Oeiras tinha excelentes professores. Com uma ou outra exceção, que as há sempre, era um corpo docente de elevada qualidade científica e pedagógica, dedicado, extremamente exigente, liderado por um Reitor que era a própria imagem da instituição.

Guardo da maior parte desses professores a memória de momentos únicos. Permitam-me que relembre alguns. À Dr.^a Joana de Barros que lecionou a minha primeira aula nos pré-fabricados de madeira, ao Padre Andrade que nunca esqueceu o meu nome e a quem desafiámos a transformar uma aula de Religião e Moral numa outra de Educação Sexual, ao Dr. Sampaio que me incutiu a preocupação do *Oxford accent* no meu *English* tão limitado, ao Professor Jorge Crespo meu querido amigo e colega de universidade, só tenho que demonstrar a minha profunda gratidão pelo privilégio que me proporcionaram.

Deste extenso rol não resisto a destacar três casos especiais. As aulas de Educação Física do Prof. José Esteves eram, para além de uma iniciação à atividade desportiva, autênticas sessões de educação cívica, de atos de afirmação de valores de respeito, de companheirismo, de disciplina, de valorização do esforço. Dificilmente esquecerei as muitas palavras proferidas neste mesmo local, incitando-nos tanto no rigor do passe quanto no fair play, no saber jogar para a equipa quanto a respeitar o adversário mais fraco. Obrigado Prof. José Esteves.

A uma professora de inglês, cujo nome deliberadamente esqueci, quero agradecer a única expulsão da sala de aula que tive nesta escola: deu-me oportunidade de perceber que os professores também erram e de que há uma clara diferença entre autoridade e autoritarismo. Ao Prof. Calado Lopes coube-lhe aplicar a pena. Não esqueço o ar resignado com que o fez.

Por último, quero prestar a minha homenagem ao Dr. Ardisson Pereira. No meu já longo trajeto escolar e profissional tive a oportunidade de trabalhar com grandes mestres. Ele foi o primeiro. Como alguns saberão, embora seja licenciado em economia e doutorado em sociologia, foi na história que me afirmei como investigador e como académico. Ardisson Pereira teve uma quota elevada de responsabilidade nesse meu trajeto. Dos cinco anos em que o tive como professor, reprovou-me nos dois primeiros e com essa prova de rigor e de exigência transformou-me, primeiro num bom aluno, depois num amante da história, por

último, já sem ter tido oportunidade de o saber, num profissional que tem orgulho, tal como ele tinha, em ser professor. Obrigado Dr. Ardisson Pereira.

Na impossibilidade de falar de todos, professores, funcionários e ex-colegas, quero deixar uma palavra de reconhecimento pela obra que ao longo de 50 anos têm vindo a desenvolver. É importante para todos nós que a identidade desta escola perdure e se estenda às novas gerações. É a partir dessa identidade que também se constrói a autonomia, espaço privilegiado de construção da liberdade e do conhecimento, da renovação constante dos saberes, da busca responsável da inovação.

O futuro da educação em Portugal passa muito mais pelas escolas e muito menos pelo Ministro ou pelo Ministério da Educação. Os Ministros passam – os da educação sempre em excesso de velocidade – mas as escolas ficam, resistem, perduram na história de cada um de nós. Tenho a certeza que a Sebastião e Silva vai continuar a ganhar os desafios que o futuro nos coloca todos os dias e a honrar o passado de que todos nos orgulhamos.

FIM